

RUA CORONEL AQUILES DE PINA, ANÁPOLIS, GOIÁS, BRASIL: PERSPECTIVAS PARA O TURISMO ARQUITETÔNICO E CULTURAL

Jean Carlos Vieira Santos¹

Lara Ferreira Amaral²

Milena D'Ayala Valva³

Resumo:

A Rua Coronel Aquiles de Pina, setor central de Anápolis, Goiás (GO), Brasil, possui imenso potencial para o turismo arquitetônico e culturais, pois abriga uma ambiência repleta de memórias e edifícios que refletem cronologicamente a história da cidade e exemplificam resiliência em meio à falta de pertencimento por parte da população. Transformações desmedidas feitas pelos próprios anapolinos são ações recorrentes, principalmente no setor central; entretanto, é possível observar alguns vestígios históricos relevantes que permanecem na rua investigada, mesmo diante de mudanças e vestígios que podem ser catalisadores da memória anapolina. O objetivo constitui em registrar a referida via como lugar de memória para a relevância histórica desse trajeto e destacar seu potencial arquitetônico e cultural às políticas públicas de turismo do município goiano. Metodologicamente, a pesquisa se divide em estudo bibliográfico e documental, com a apreensão de histórias e fotografias que descrevem a formação da paisagem; e a pesquisa de campo, voltada ao reconhecimento do potencial turístico do território. A fotografia foi o método de análise escolhido para ilustrar o objeto no tempo e nos dias hodiernos. Dentre os resultados apresentados, propõe-se o percurso turístico cultural, cujo ponto de partida é a Praça James Fanstone, estendido pelo logradouro Coronel Aquiles de Pina que abriga um acervo de relevante valor patrimonial/cultural/histórico. De forma geral, o resgate desse roteiro urbano se faz necessário à salvaguarda do lugar investigado no artigo.

Palavras-chave: Roteiro Cultural, Centro Pioneiro, Patrimônio, Turismo, Cotidiano.

¹ Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve/Portugal e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU). Professor do Mestrado/Doutorado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG) e Mestrado em Geografia (PPGEO/UEG). E-mail: jean.veira@ueg.br.

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica. Mestre em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG). E-mail: larafeerreira@gmail.com

³ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Goiás, mestra em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado pela Universidade de São Paulo, com estágio no IUAV-Veneza. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás na Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER). E-mail: milena.valva@ueg.br

CORONEL AQUILES DE PINA STREET, ANÁPOLIS, GOIÁS, BRAZIL: PERSPECTIVES FOR ARCHITECTURAL AND CULTURAL TOURISM

Abstract:

Coronel Aquiles de Pina Street, located in the central sector of Anápolis, state of Goiás (GO), Brazil, holds immense potential for architectural and cultural tourism, as it encompasses an environment rich in memories and buildings that chronologically reflect the city's history. This location stands as a prime example of resilience amidst a lack of a sense of belonging among the local population. Unrestrained urban transformations carried out by the residents of Anápolis are frequent, particularly in the downtown area. Nevertheless, significant historical remnants persist on the investigated street despite these changes; such traces can serve as catalysts for the city's collective memory. Therefore, this study aims to document Coronel Aquiles de Pina Street as a site of memory, highlighting the historical relevance of this route and emphasizing its architectural and cultural potential for the municipality's public tourism policies. Methodologically, the research comprises bibliographic and documentary studies – which gathered stories and photographs detailing the formation of this landscape – as well as fieldwork, which was crucial for recognizing the territory's tourism potential. Photography was employed as the analytical method to better illustrate the object of study both historically and in the present day. Furthermore, as part of the results, we propose a cultural tourism itinerary starting at James Fanstone Square and extending along Coronel Aquiles de Pina Street, an area that harbors an architectural ensemble of significant heritage, cultural, and historical value. Overall, we conclude that reclaiming this urban route is essential to safeguard the site investigated in this paper.

Keywords: Cultural Itinerary; Pioneer Center; Heritage; Tourism; Everyday Life.

1. INTRODUÇÃO

A Rua Coronel Aquiles de Pina está localizada no setor central de Anápolis, no estado de Goiás (GO), Brasil. A cidade ocupa uma posição estratégica no Planalto Central, como um ponto de conexão vital entre Brasília, Distrito Federal (DF) (situada a aproximadamente 140 km), e Goiânia, capital estadual (cerca de 50 km de distância). Nos primeiros tempos de origem, foi chamada de Povoado Santana das Antas em 1819 e, na primeira década do século XX, de Anápolis, mais precisamente em 1907.

O recorte geográfico desta investigação⁴ delimitou-se ao centro pioneiro, núcleo inicial da urbanização de Anápolis (GO). O foco de análise se concentra na Rua Coronel Aquiles de Pina e no entorno imediato, cujas origens remontam a meados de 1900. Esse território possui um acervo arquitetônico de significância para a história da cidade, com

⁴ Este trabalho trazem os resultados teóricos e empíricos do projeto de pesquisa financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP-UEG): "Turismo Literário no Cerrado Goiano: os casos das regiões turísticas das Águas Quentes e Ouro" e da dissertação "Percurso da Memória Urbana e Cultural Anapolina: uma análise da Rua Cel. Aquiles de Pina (2023)" de Lara Ferreira Amaral. "The Best distinction: XII International Scientific and Professional Congress Of Cultural Tourism (CITC 2026, Tomar, Portugal)".

destaque não apenas pela relevância histórica, mas por uma ambiência urbana atípica para o centro de uma cidade média⁵.

De fato, o cenário é composto por comércios familiares de pequeno porte e pela Praça James Fanstone, de 1926, que abriga um coreto e ostenta o traçado do renomado Osvaldo Verano, artista da cidade. No entorno, a presença do Hospital Evangélico Goiano confere ao local uma carga simbólica adicional. Nesse contexto, o objetivo principal do artigo constitui o registro da Rua Coronel Aquiles de Pina como lugar de memória, o que denota a relevância histórica desse trajeto e destaca seu potencial arquitetônico e cultural às políticas públicas de turismo do município goiano.

Sendo assim, a problemática do manuscrito reside na existência de uma história oculta aos cidadãos do lugar. Embora o núcleo pioneiro de Anápolis (GO) apresente camadas essenciais da memória urbana, há um território de invisibilidade, dado que a descaracterização e a falta de cuidados com o patrimônio tornam a rua investigada anônima à sociedade contemporânea. Diante do distanciamento entre o cidadão e seu passado, a pesquisa busca compreender o potencial das preexistências às perspectivas de atividades voltadas ao turismo arquitetônico e cultural.

A Rua Aquiles de Pina representa as memórias de vários anapolinos; contudo, se sobressai o descaso social e do poder público, somado à escassez de ações preservacionistas e ao descumprimento de legislações. De fato, a degradação das fachadas históricas por publicidades invasivas, somada ao desuso de edifícios que acelera desgastes e demolições, compromete a leitura futura do espaço propriamente dito.

Diante da perda histórica, postula-se que o turismo cultural e arquitetônico surge como alternativa estratégica para a salvaguarda da Rua Coronel Aquiles de Pina. Ao converter o patrimônio em um ativo turístico, estimula-se não apenas a conservação das fachadas e do traçado original, mas também a ressignificação dessa parte do centro pioneiro da cidade – um hiato na memória urbana, pode se transformar em um roteiro de visita educativa, com a atração de novos olhares para a história de Anápolis.

Notoriamente, o turismo cultural e arquitetônico transcende o mero lazer para se tornar uma ferramenta de preservação ativa. Aqui, o turismo cultural estudado por Barretto (2007: 87) é compreendido como “todo turismo no qual o principal ativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, o artesanato”. Sendo assim, para Paiva (2014: 121), a atratividade turística está fortemente arrolada “pelas intervenções urbanas, pela valorização do patrimônio histórico e cultural e pela recorrência à iconicidade da arquitetura”. Portanto, o turismo cultural e arquitetônico se estabelece na intersecção entre a memória e a forma construída.

Ao estruturar roteiros que valorizam a estética das edificações e os simbolismos históricos da Rua Coronel Aquiles de Pina, promove-se uma conscientização coletiva que pressiona a manutenção do acervo material da cidade. Desse modo, a arquitetura renúncia um cenário estático e degradado para ser protagonista de uma experiência de pertencimento, na qual o fluxo de visitantes justifica investimentos em restauração e garante a leitura e o entendimento da identidade de Anápolis (GO) pelos atuais e futuros visitantes.

⁵ Cidades médias intermedeiam relações entre as grandes e pequenas cidades. Não são classificadas de acordo com habitantes ou território, mas sim por suas relações e “urbanização, funções, influências, cotidianos, inserção regional, organização territorial do trabalho, qualidade de vida” (Silva, 2019: 37).

Com isso, emerge um ponto de inflexão fundamental para a investigação: a intrínseca e efetiva relação entre a historiografia urbana e a preservação da memória coletiva nas cidades. Pesavento (2005) preconiza que o uso da historicidade como ato de guardar os acontecimentos e a memória por narrativas e discursos fornece ao acontecimento pertencimento, significado e, portanto, reconhecimento, algo imprescindível à valorização das paisagens históricas nos municípios.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O recorte geográfico de análise do artigo se baseia especificamente na Rua Coronel Aquiles de Pina e no entorno imediato da Praça *James Fanstone*. Devido à escassez de estudos publicados sobre o objeto investigado, resgatou-se a importância da paisagem histórica para a cidade, os diálogos e as lacunas que constituíram suas edificações marcantes no espaço e na história.

Foi considerável resgatar a memória não apenas para o conhecimento de cidadão como parte da história, mas também ressaltar a importância de preservar para as futuras gerações e resguardar uma qualidade histórica da paisagem urbana. Para direcionar a pesquisa, Pesavento (2005) elucida que as cidades são temporalidades com forma e sentido no espaço, produções humanas repletas de sentido que a individualizam no âmbito histórico.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois visa analisar os processos dinâmicos vividos na Rua Coronel Aquiles de Pina. A escolha se baseia, segundo Minayo (1996), com a criação da teoria para explicar e entender fenômenos por meio da investigação de domínio empírico. Nesse prisma, considerou-se a pesquisa documental em livros, revistas, anais científicos, teses, dissertações e as leituras de cartas patrimoniais. Diante de tal premissa, “o trabalho se assenta na pesquisa bibliográfica, modalidade de metodologia pautada pela busca eletrônica e consulta de obras físicas” (Santos, 2024: 35).

Documentos históricos fundamentados nas fotografias sobre a rua foram obtidos, em sua maioria, no acervo do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, na biblioteca da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e em acervos particulares. Santos (2021) sublinha que as fotografias obtidas durante os trabalhos de campo e nos acervos públicos e privados são contributos e portadoras de ideias e expressões dos modos de vida e cotidianos pretéritos e contemporâneos; logo, apreenderam-se as fotografias durante um ano para perceber as transformações ocorridas.

Outro percurso metodológico abarcou os trabalhos de campo e a observação direta. De acordo com Pessôa (2018), esses recursos permitem colocar o pesquisador em contato com a realidade estudada, permitindo uma interação com o espaço investigado e proporcionando recursos ilustrativos e reflexões para o texto em construção.

3. RUA CORONEL AQUILES DE PINA: RECORTE GEOGRÁFICO INVESTIGATIVO

Dada a contextualização precedente, sobressai a pertinência da Rua Coronel Aquiles de Pina enquanto *lôcus* geográfico deste estudo. Diante disso, Lamas (2000) define a rua como o traçado urbano mais fácil de ser identificado em uma cidade, definição corroborada e expandida por Ferreira (2002), ao caracterizá-la como um elemento de

forma limitada, intermediária ao edifício e espaço que o rodeia, acessível para a circulação de bens e pessoas.

Para Mendonça Neto e Santos (2023), ruas e praças são espaços com lugares, paisagens diversas e objetos-símbolos (compostos por cores, traços e ângulos únicos) que, ao longo do tempo, têm sofrido diversas transformações, principalmente quando não são preservados ou compreendidos como parte da identidade cultural de determinada sociedade.

Em síntese, o logradouro investigado se sobressai por ter, em sua paisagem urbana, elementos culturais indissociáveis da memória e evolução histórica da cidade, como um testemunho material de valor inestimável. Essa rua fez parte do traçado inicial da cidade (Figura 1), com destaque no comércio por ter sido “o berço do reduto da família de Pina” (Arimathéa, 2007: 46), personagens políticos importantes para a cidade.

No plano diretor de 2016, delimitou-se o centro pioneiro (Figura 1) com inserção da rua analisada. Por pertencer a esse início, abriga diversificados e relevantes bens culturais históricos materializados na paisagem. Nesse logradouro se encontra um acervo rico da história de Anápolis, com edifícios de interesse histórico-culturais que ainda permanecem na paisagem. Em virtude da densidade histórica, o presente manuscrito apresenta um olhar analítico sobre o potencial turístico-cultural da via para a compreender não apenas como um remanescente físico, mas como recurso estratégico para o desenvolvimento local.

Figura 1. Delimitação do setor central e do centro pioneiro de Anápolis (GO)



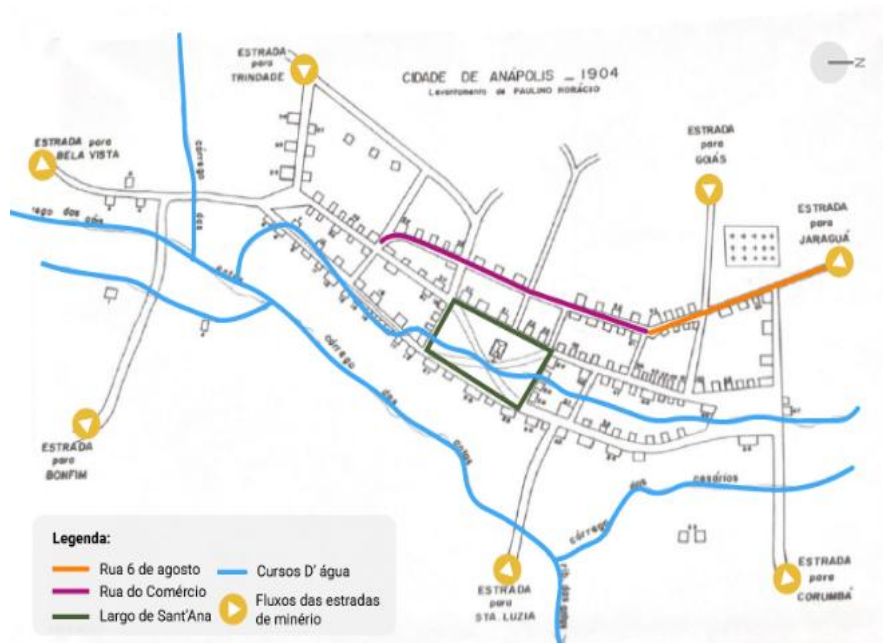
Fonte: Amaral (2023).

Os edifícios serão tratados como patrimônio, mas sem remontar a categorias de bens tombados⁶, e sim com base em edifícios históricos permeados por significados no passado de diversos anapolinos, com materialização no espaço tempo da Rua Coronel Aquiles de

⁶ “O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal” (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [n.d.]).

Pina. Histórias, trabalhos e contos puderam ser vividos nesses lugares, por criarem vivências de significados para a cidade, mas que atualmente se encontram esquecidas; logo, o local é visto como um conjunto histórico urbano cuja relevância faz parte do processo de entendimento do estudo.

Figura 2. Anápolis (GO) em 1904, com demarcação dos fluxos das estradas de minério e cursos d'água



Fonte: Borges (2011: 56), com intervenções de Amaral (2023).

Para aprofundar a análise do objeto de estudo, torna-se imprescindível compreender a transmutação da dinâmica urbana nos espaços públicos conforme a alternância dos períodos históricos e os anseios intrínsecos de cada extrato social. A Rua Coronel Aquiles de Pina e seu entorno se inserem em uma região rica em memória, na qual os fluxos formam seu passado e a pequena praça *James Fanstone* representa ares de passado e modernidade. Como via única para carros com um lado para estacionamento, traz certa segurança ao pedestre que caminha pelos comércios locais e o notório Hospital Evangélico Goiano.

Vargas (2015) discorre que o traçado histórico de Anápolis acompanha as curvas de nível e se afasta do córrego, devido aos alagamentos que ocorriam próximos ao curso d'água. As casas também surgiram nos fluxos e caminhos criados entre as vilas de mineração, onde as vias para desempenhar o processo de trocas comerciais eram as Ruas do Comércio (Rua Manoel D' Abadia nos dias de hoje) e 6 de agosto (atual Rua Coronel Aquiles de Pina) (Figura 2). Em suma:

A referência à Rua Manoel D'Abadia como a Rua do Comércio nos mapas, reforça a tradição de ocupação das cidades de mineração, apesar da cidade de Anápolis não ter surgido no viés da busca do ouro. Esta rua encontra-se paralela ao curso d'água, em uma cota levemente inclinada, mas seguindo o alinhamento do córrego (Vargas, 2015: 35)

O entendimento da conformação do núcleo pioneiro denominado pelo primeiro mapa da cidade (Figura 3) é importante para demarcar a relevância histórica da Rua Coronel Aquiles de Pina, a qual se conecta diretamente com a Manoel D' Abadia em seu traçado. Brevemente, cabe reiterar os feitos da antiga Rua do Comércio, devido à influência sobre a via analisada neste trabalho.

O desenho adaptado na imagem acima indica a configuração das residências e quintais⁷, com a percepção sobre as ruas de relevância para a dinâmica urbana do setor central da cidade na conjuntura atual. Conforme relatos iniciais, a Rua Manoel D' Abadia se originou por volta de 1897, e a Coronel Aquiles de Pina, em 1900, sob o nome de Intendente Abadia (Gonçalves, 2021; Alves, 2014; Amaral, 2023). Evidentemente, tal cronologia é importante para delimitar o início da divisão desses traçados.

Ao estudar os espaços urbanos, observa-se a temporalidade de cada local. Pesavento (2005: 10) cita que “a história faz da memória uma de suas marcas de historicidade”, o que culmina em significados e materialidades únicas. Sendo assim, a Rua Coronel Aquiles de Pina é permeada por uma paisagem de histórias e memórias.

Figura 3. Vila de Santana das Antas de 1902 a 1904



Fonte: Amaral (2023).

Como visto alhures, o objeto de investigação deste artigo surgiu por volta de 1900 com o nome de Rua Intendente Abadia. Três anos depois, passou a se chamar Rua 6 de Agosto, em homenagem à fundação da Freguesia de Santana em 1973. Em 1926, denomina-se Rua Coronel Pedro Dias de Campos, em honra ao líder policial na defesa da cidade: “após a passagens dos homens da coluna prestes, o Coronel Pedro Dias e seus homens paulistas vão em confronto para expulsá-los” (Gonçalves, 2021: 55).

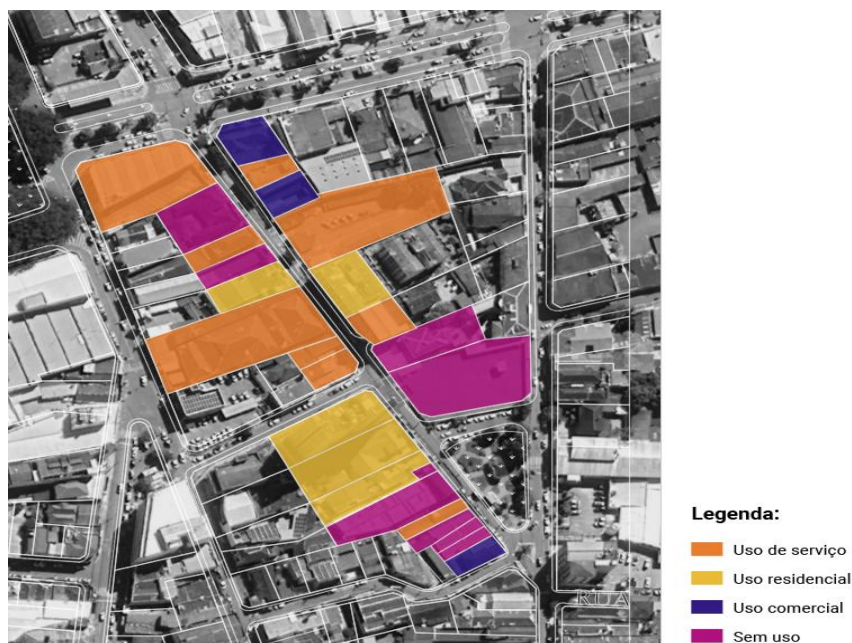
Depois disso, torna-se Rua Getúlio Vargas em 1930, com referência ao líder da Revolução de 1930 e presidente do Brasil por longos mandatos (1934 a 1945 e de 1951 a

⁷ “Quintal urbano é concebido como um elemento primordial de formação, tanto do espaço residencial quanto da paisagem urbana, como reflexo de um padrão construtivo e cultural de outros tempos” (Barbosa; Santos, 2022: 74). Normalmente, eram espaços murados que predominavam plantações e locais de trabalho.

1954). Novamente, muda o nome para Rua General Xavier Curado em 1946, personagem que nasceu em Pirenópolis (GO) e foi governador de Santa Catarina. Por fim, em 21 de novembro de 1968, designou-se como Rua Coronel Aquiles de Pina (Borges, 2011; Ferreira, 2011; Alves, 2014; Gonçalves, 2021; Amaral, 2023).

A Figura 4 ilustra os usos abrigados pela Rua Coronel Aquiles de Pina: nove de serviços, três de estacionamentos de automóveis, salão de beleza, farmácia e laboratório; quatro usos comerciais, com as lanchonetes e o coreto; cinco edifícios residenciais; e nove edificações sem uso, cuja maioria contempla os bens de interesse histórico como a antiga casa tradicional, a casa modernista, o antigo palacete de Graciano Antônio e o Cine-Teatro Imperial. Cumpre salientar que o abandono desses edifícios é preocupante, por favorecer a deterioração.

Figura 4. Demonstração dos usos na Rua Coronel Aquiles de Pina



Fonte: Amaral (2023).

A cronologia da toponímia foi essencial à coleta de dados, de acordo com o nome de cada período. Reafirma-se que a metodologia abordada para exemplificar essa paisagem no tempo foi a seleção de cada edifício/elemento, conforme a data de criação, com a própria ordem cronológica atinente às imagens encontradas. Sendo assim, o texto elenca nuances temporais para entender o elemento estudado e as respectivas transformações.

4. TURISMO CULTURAL E ARQUITETÔNICO: ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA

As cidades e seus múltiplos espaços têm se tornado locais atrativos para diversos segmentos de mercado. Afinal, o lazer e o “turismo cultural têm se apropriado do patrimônio edificado, tornando-se hoje uma atividade rentável para empresários e prazerosa à comunidade e aos turistas, os quais se enriquecem com a informação e o aprendizado” (Lima, 2021: 95). Segundo Cunha (2001: 122), a cultura é um dos mais importantes fatores de desenvolvimento do turismo:

[...] grande parte das viagens realiza-se para destinos que dispõem de fatores culturais notáveis, tais como os locais históricos, monumentos, centros arqueológicos, centros de peregrinação, concentrações de caráter étnico e muitos outros. Alguns destes fatores podem ser criados artificialmente em qualquer parte (caso dos museus), mas outros estão profundamente ligados aos locais onde se desenvolveram (locais históricos ou centros arqueológicos, por exemplo) e outros estão ligados à maneira de viver de cada povo (tradições).

De acordo com Cravidão (2014: 60), as ligações entre o turismo e os territórios são imprescindíveis no tecido das práticas turístico-culturais da sociedade contemporânea: “É neste sentido que as novas cumplicidades entre turista/visitante e o lugar representam, para a sociedade contemporânea, um elo entre a tradição e a modernidade e, por isso, uma ligação em construção permanente”. Para García (2026: 18), o “turismo cultural se presenta como una actividad económica y como un proceso de valorización del patrimonio que fortalece la cohesión social y la apropiación comunitaria del territorio”.

Segundo Barretto (2007), o turismo cultural é uma incursão personalizada em outros locais e culturas para aprender sobre as pessoas, seus estilos de vida, seu legado e sua arte. Do ponto de vista comercial, o turismo é um produto elaborado com as matérias-primas da cultura material e simbólica (recursos culturais), somadas aos equipamentos para prestar serviços de recreação, alimentação e hospedagem. Portanto, o turismo cultural surge como uma alternativa por tratar-se de um turismo de minorias, cujos protagonistas, são turistas não institucionalizados, experimentais, experienciais e existenciais.

Nas palavras de Quinteiro e Almeida (2025: 4), o turista cultural é entendido como “visitante mais sofisticado e exigente. Procura experiências que contribuam para o seu enriquecimento cultural e o seu desenvolvimento pessoal”, bem como se preocupa com as questões ecológicas e o bem-estar das comunidades de acolhimento. Essa busca por significados também aparece na análise de Ferreira (2014: 88), que descreve a transição da cidade para além da funcionalidade residencial e a consolida como um produto de consumo simbólico essencial para a compreensão do turismo cultural e arquitetônico:

Em algumas cidades surgiram bairros culturais e de entretenimento definidos como área geográfica que contém a maior concentração de equipamentos culturais e de entretenimento – teatros, cinemas, estúdios, galerias de artes, salas de concertos, livrarias, cafés e restaurantes. Os projetos de regeneração urbana através da cultura e do turismo, favoráveis à formação dos bairros culturais, surgiram um pouco por toda a Europa, nos anos de 1990. Neste novo contexto, a cultura englobava a valorização das artes e indústrias culturais, o reconhecimento da diversidade cultural, do multiculturalismo, a que se associava o apreço pós-moderno pela imagem e pelo caráter simbólico dos locais.

Barretto (2007), sublinha que no mundo acadêmico muitos investigadores utilizam como sinônimas as expressões “turismo cultural” e “turismo de patrimônio”, este último, motivado, no todo ou em parte, pelo patrimônio histórico, artístico, científico ou pelo estilo de vida de uma comunidade. Nesse entremeio, a autora arrazoa que a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este à sua valorização por parte dos próprios habitantes. Um monumento ou prédio dificilmente será objeto de um ato de vandalismo por alguém que conhece seu significado.

No turismo arquitetônico, a importância reside na regeneração urbana. A citação de Ferreira (2014) indica que a arquitetura não é apenas funcional, por ser igualmente usada

para criar uma imagem marcante. Nesse contexto, a Rua Coronel Aquiles de Pina e a Praça *James Fanstone*, transformadas em roteiros culturais, podem servir como um cartão de visitas que atrai turistas pelo valor estético e simbólico das edificações.

Mello, Cosenza e Silva (2020) esclarecem que a modificação da paisagem das cidades por meio da arquitetura resulta do produto de consumo e da criação de capitais em que se encontram as cidades contemporâneas. Na atualidade, a arquitetura monumental se tornou uma forte e eficaz ferramenta de marketing turístico para transformar a cidade em um espaço atrativo. Desde que o turismo começou a ser entendido como fator de importância para a economia das cidades, tornou-se inseparável da arquitetura, mas, para gerar renda:

[...] o turismo não pode ser pensado de forma sazonal. A área da edificação precisa possuir vida própria e [...], para ser um case de sucesso, a sociedade local precisa estar envolvida. Esse envolvimento acontece quando a arquitetura é vista como um fator de pertencimento da população, que respeita o espírito do lugar e é bom para os seus cidadãos (Mello et al., 2020: 22).

Fayos-Solà e Jafari (2009: 160) lembram que a atividade turística planejada e organizada “debe respetar la autenticidad sociocultural de las comunidades anfitrionas, conservar sus activos culturales, arquitectónicos y vivos y sus valores tradicionales, y contribuir al entendimiento y a la tolerancia interculturales”. Conforme Cunha (2001), as deslocamentos de pessoas, com hábitos, comportamentos e níveis culturais diferentes das populações dos locais visitados, podem ser um agente de aculturação e contribuir para o abandono ou a artificialização das culturas existentes.

5. POTENCIALIDADES CULTURAIS, ARQUITETÔNICAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS DA RUA AQUILES DE PINA: RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Para compreender e apresentar as perspectivas de fomento ao turismo arquitetônico e cultural para parte do centro pioneiro anapolino, faz-se necessário sublinhar a riqueza (i)material que compõe o cenário local. Nesse sentido, a seção detalha as potencialidades culturais, arquitetônicas e históricas da Rua Coronel Aquiles de Pina para apresentar marcos físicos e revelar as modificações da sobreposição de estilos construtivos e das camadas de memória social do logradouro em um corredor vivo e apto a se consolidar com um relevante roteiro de interesse turístico cultural.

Entende-se que os roteiros turísticos devem ser vistos “como instrumento facilitador no desenvolvimento da atividade turística”. (Garcia, 2007: 119). Segundo Quinteiro e Baleiro (2019: 113), o roteiro é um caminho em que “os visitantes vão interpretar o espaço e os elementos ao alcance do seu olhar”. Nessa perspectiva, Quinteiro e Almeida (2025: 61) arrazoam que os:

[...] roteiros turísticos é uma organização que inclui a identificação dos pontos de interesse a visitar, as atividades a serem realizadas e o tempo necessário para cada etapa. Além disso, os roteiros podem oferecer informações práticas para os turistas, como a extensão do trajeto, a duração do mesmo, o grau de dificuldades/acessibilidade, os meios de transporte disponíveis, os horários, as opções de alojamento e restauração, entre outros.

De fato, a atual Rua Coronel Aquiles de Pina frisa uma potencialidade arquitetônica manifestada na coexistência de estilos que narram a evolução urbana, onde cada fachada remanescente atua como suporte físico da memória coletiva. Sob a ótica do turismo cultural, o logradouro se revela um ativo proeminente, cujas camadas históricas oferecem um roteiro de visitação educativo e identitário. Com isso, sublinhar o recurso turístico neste trabalho reforça a perspectiva de salvaguarda em um cenário repleto de raízes.

O primeiro atrativo da região da cidade é a Praça *James Fanstone* e seu coreto redondo de dois pavimentos – o largo foi construído em 2 de agosto de 1926, inicialmente com o nome de Praça Senador Ramos Caiado (Ferreira, 2011). Segundo Gonçalves (2021), o projeto e o desenho da praça foram elaborados pelo famoso artista local Osvaldo Verano, ao passo que, para Amaral (2023), o espaço abriga o Busto do Coronel Aquiles de Pina, construído em 1975.

No centro desse espaço público existe um coreto que foi palco de discursos políticos e apresentações musicais, por exemplo. Testemunha ocular das mudanças que ocorreram na paisagem urbana, o coreto da Praça *James Fanstone* reflete uma história que clama narrativas. Em novembro de 1930, o lugar público passa a ser denominado de Praça João Pessoa e, naquele período, o coreto sofre algumas alterações. Aqui são exaltadas as ações do prefeito João Luís de Oliveira para o embelezamento e a história da cidade, além das bandas que se apresentaram no evento.

Figura 5. Hospital Evangélico Goiano em 2019



Fonte: José Luiz Salustrino Bezerra ([n.d.]).

Em 1948, o emblemático coreto redondo de dois pavimentos é demolido para ser substituído pelo novo estilo arquitetônico *art déco*⁸, que reflete os desejos modernos da

⁸ Estilo arquitetônico difundido no pós-guerra por se tratar da utilização de elementos construtivos de fácil e rápido acesso. A estrutura formal era composta basicamente pelo jogo de formas geométricas com

época com um aspecto semelhante ao de máquina, objetivo do estilo. Na parte frontal há colunas que servem como ornamentos, aspectos marcantes até os dias atuais. Com nível térreo e diferente do outro coreto que parecia um palco aberto, esse tende a possuir uma sensação de fluidez entre a praça – a demolição almejava mudança e apropriação do novo.

Por sua vez, em 1959, a praça passa a ter a denominação atual, *James Fanstone*, em homenagem ao fundador do Hospital Evangélico Goiano. Sob a Lei nº. 2.725, de 5 de abril de 2001 (Anápolis, 2001), o edifício do coreto na área interna da praça é considerado patrimônio histórico e cultural de Anápolis, mas, apesar do tombamento do bem, transformações significativas aconteceram não apenas no edifício, como também na praça, com a mudança na vegetação e iluminação. Essas transformações levam-nos a compreender que o “patrimônio deixa de ser valioso pelo seu significado histórico ou identitário” (Barretto, 2007: 135).

Na cronologia de construções na Rua Coronel Aquiles de Pina, em 1927, quando ainda se denominava Coronel Pedro Dias de Campos, surge o atual Hospital Evangélico Goiano (HEG). O casal *James Fanstone* e *Ethel Marguerite Pastefildem* (Dona Dayse) se dirigiram para a cidade em 1925, com o intuito missionário de propagar o protestantismo, pois eram ligados à União Evangélica Sul-Americana (UESA) (Matos, 2010).

Figura 6. Edifício Dona Dayse em 2019



Fonte: Fotografia de José Luiz Salustrino Bezerra ([n.d.]).

Fanstone era de família inglesa, nascera em Recife e, com três meses de idade, voltou para a Inglaterra, onde cursou medicina, tendo voltado para o Brasil em 1922 (Di Paoli e Serra, 2013; Amaral, 2023). Ele almejava ajudar e curar os males físicos das pessoas, e, mesmo diante das dificuldades da época, funda a Casa de Saúde de Anápolis em 1926, que posteriormente seria o Hospital Evangélico Goiano (HEG), conforme a Figura 5 (Gonçalves, 2021), onde existe um memorial sobre a história dessa empresa de saúde.

encaixes e recuos sem muita ornamentação e serviu como estilo da representação do progresso. Em Anápolis (GO), esse estilo foi difundido por seu símbolo de poder e modernidade (Vargas, 2015).

James Fanstone, em frente à praça que hoje leva seu nome, inicia a construção de um edifício inovador para a época em 1936, pois foi o primeiro prédio de andares e com elevador de Goiás – Edifício Dona Dayse, em homenagem à sua esposa. Em 1959, inaugurava-se a Rádio Imprensa na cidade que, em 1964, teve o controle acionário adquirido pela família *Fanstone*. Segundo Gonçalves (2021: 58), “a Rádio Imprensa instalou o seu primeiro estúdio na Avenida Goiás, mudado pelos novos proprietários para o edifício D. Dayse, na Praça James Fanstone”, com permanência até 1992 (Figura 6).

Em 14 de dezembro de 1936, quando a Rua Coronel Aquiles de Pina se chamava Rua Getúlio Vargas, surge o Cine Teatro Imperial, empreendimento coordenado por Graciano Antônio da Silva e Jonas Duarte (Ferreira, 2011). Esse comércio muda de nome em 1971, passa a ser nomeado como Cine Roxy e assim perdura até 2007, quando encerra os trabalhos definitivamente. Na mesma data, inicia-se o Restaurante do grupo Chão Goiano, que possuía duas unidades na cidade e permaneceu como restaurante até 2020.

O prédio do Cine Teatro Imperial/Cine Roxy era imponente para a época, principalmente pelo estilo *Art Decó*. Em 1942, Abellard Velasco inaugura a Amplificadora Cultural de Anápolis, primeira rádio da cidade que funcionava no segundo pavimento do Cine Teatro Imperial: “Além dos programas musicais, Abellard promovia bailes e matinês dançantes no vasto salão onde era instalada a Amplificadora” (Ferreira, 2011: 263).

A efervescência da imprensa no perímetro da Rua Aquiles de Pina insere a região em uma aura de modernidade e proeminência política. Tal conjuntura converteu o logradouro e suas adjacências em elementos hermenêuticos indispensáveis para a compreensão da gênese urbana de Anápolis ao outorgar, à paisagem investigada neste manuscrito, um estatuto de vanguarda e fruição cultural. Trata-se de uma narrativa histórica que precisa ser desvelada a todos os que se propõem a visitar e/ou estudar a localidade.

Juntamente com o entorno da Praça *James Fanstone*, a Rua Coronel Aquiles de Pina foi palco dos monumentos de memória aos cidadãos anapolinos e migrantes. Em 1945, inaugura-se a Sociedade Comercial de Automóveis (SCA), em um edifício de estilo *art déco* à Rua Getúlio Vargas, cuja autoria é de José Abdala e revendia marcas Opel, GMC, Pontiac, além de móveis e eletrodomésticos (Gonçalves, 2021).

Alguns aspectos são importantes para o entendimento histórico da Rua Coronel Aquiles de Pina, como o casal Fanstone e família. No recorte espacial de investigação, identificaram-se três ilustres residentes que, em períodos distintos, exerceram a chefia do Poder Executivo Municipal. Cumpre afirmar que todos não nasceram na cidade, mas participaram da construção do espírito anapolino.

O primeiro deles é Manoel Francisco D'Abadia (1861-1945), nascido em Paracatu, Minas Gerais (MG) e eleito intendente por duas vezes (de 1897 a 1899 e de 1911 a 1915) (Arimathéa, 2007; Borges, 2011; Amaral, 2023). Sua residência não se encontra à Rua Coronel Aquiles de Pina, mas influencia a paisagem imediata do entorno, pois está na esquina, ao lado do HEG. Sobre esses edifícios residenciais mencionados como potencialidades culturais e arquitetônicas, não há relatos de construção; por conseguinte, adotaram-se fotografias para entender as transformações.

Figura 7. Fotografias da casa de Manoel D' Abadia em 2022



Fonte: Amaral (2023).

A casa de Manoel D'Abadia é um edifício marcante que permanece com um estilo eclético sem alterações (Figura 7). Outro personagem significativo para a cidade foi Graciano Antônio da Silva que, conhecido como Sanito, assumiu a Intendência Municipal em três mandatos – 1923 a 1927, 1945 e 1946 a 1947. Sua residência eclética ainda possui alguns traços apenas pelos detalhes da fachada superior.

Outro nome ilustre que morou na Rua Coronel Aquiles de Pina foi José Fernandes Valente (1897-1974), intendente de Anápolis de 1934 a 1940 com o maior mandato. Segundo Arimathéa (2007), ele era farmacêutico e nasceu em Descalvado, São Paulo (SP), fundou a Farmácia Mineira no logradouro investigado e, em frente, ficava sua residência – esta última, de estilo eclético, passou por transformações e, em 2013, foi alvo de um projeto de demolição da estrutura, com permanência da fachada até os dias atuais (Gonçalves, 2021).

Ademais, menciona-se a família Pina, cujo nome é homenageado na rua. Os Pina se originam de Pirenópolis (GO) e se deslocaram para a cidade em 1911, entre eles Aquiles de Pina (1894-1968), em busca de novos negócios e prosperidade, com grande influência política e econômica (Amaral, 2023). Aquiles foi deputado estadual de 1929 a 1930 e, no campo dos negócios, foi o “maior comprador e vendedor de arroz do Estado” (Silva, 1997: 67). Outro membro importante era Carlos de Pina (1902-1966), prefeito da cidade em dois mandatos (1947 a 1951 e 1955 a 1959) que residiu na rua, segundo relatos encontrados no museu histórico.

Nesse cenário, menciona-se Antônio Luís de Pina, chamado comumente de Tonico de Pina, fundador de A Rainha da Barateza em 1911, marco histórico da Rua Coronel Aquiles de Pina. Em 2026, não existe o edifício com caráter tradicional, substituído por um estacionamento de veículos. A Rainha da Barateza era de taipa de pilão e funcionava como armazém com diversas mercadorias: “charqueada, torrefação e moagem de café, indústrias, representante bancário” (Ferreira, 2011: 439). Foi considerada uma das maiores do estado de Goiás até os anos 1940, em virtude da gama de produtos (Machado, 2009).

A residência de Tonico Pina ficava na rua investigada neste artigo, em frente à Praça *James Fanstone*. Em 2020, o edifício foi demolido e houve a consequente perda de um patrimônio da cidade. Cumpre sublinhar que a paisagem da Rua Aquiles de Pina é envolta de personagens importantes e marcos edificados significativos para a apreensão da história Anapolina.

Em outras fotografias, notam-se a permanência e a mudança desse lugar que, mesmo com as alterações, ainda carrega uma história física marcante: no fim da rua, por exemplo, há uma amostra única de caráter tradicional, como vulto local. Durante as pesquisas desenvolvidas, resume-se que a via possuiu tipologias e personagens importantes para cada época e as mudanças na paisagem aconteceram paulatinamente, de acordo com o poder aquisitivo dos proprietários e as tendências dos períodos.

Transformações nos espaços urbanos são, na maioria das vezes, incontroláveis, dado que as cidades são organismos vivos de mutações, permanências e readaptações. Na rua investigada, os processos não poderiam ser diferentes; logo, criar roteiros culturais é fundamental para a preservação da memória urbana, pois eles transformam a cidade em um museu a céu aberto para conectar os cidadãos ao seu passado de forma viva e dinâmica. Ao caminhar por trajetos planejados, a comunidade desenvolve um sentido de pertencimento.

Como o objeto em estudo é o logradouro supramencionado, delineia-se a perspectiva de um percurso desenhado (Quinteiro; Almeida, 2025) que articula espaços de convergências entre arquitetura e cultura. Sob essa ótica, o itinerário de visita teria como ponto de partida a Praça James Fanstone – notadamente o coreto *Art Déco* e o busto do Coronel Aquiles de Pina –, ao percorrer vias que abrigam edificações com relevante valor historiográfico, a exemplo do HEG, da casa de Manoel D'Abadia, do Edifício Dona Dayse e de outros imóveis aqui narrados. Para Barretto (2007: 137), “a participação da população é fundamental para o sucesso dos projetos”.

Fundamentado em Quinteiro e Almeida (2025), argumenta-se que um roteiro de visita incorpora as referências de patrimônios e herança cultural, o que contribui para entender o entrelaçamento das formas construtivas e do território. Tal abordagem permite compreender que a Rua Coronel Aquiles de Pina e as adjacências deixam de ser apenas um cenário estático e passem a ser interpretadas como um documento vivo das transformações sociais.

Nesse percurso com atrativos culturais, arquitetônicos e históricos, o visitante é instigado a reconhecer a identidade local materializada na arquitetura e a promover não apenas a preservação da memória, mas também a ressignificação do cotidiano por meio do pertencimento e da valorização do acervo histórico-cultural. Há, portanto, a perspectiva de que o roteiro poderá transformar a percepção do visitante sobre essa região do centro pioneiro de Anápolis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais contribuições deste manuscrito consiste em revelar as dimensões históricas e memoriais da Rua Coronel Aquiles de Pina, bem como as perspectivas para o fomento do turismo cultural e arquitetônico. Os resultados evidenciam a densa diversidade histórica e cultural que confere vivacidade ao logradouro analisado,

carregada de um aspecto histórico visto como potencialidade para a criação de um percurso desenhado, capaz de conectar pontos de memória e arquitetônicos.

Diante do cenário posto, este trabalho apresenta algumas possibilidades de investigação futura, como os impactos do desenho atual da rua na experiência do pedestre e a identificação dos investimentos necessários em mobilidade e sinalização interpretativa (placas que contam a história do lugar). É notável que a análise da existência do memorial interno do Hospital Evangélico Goiano de Anápolis pode fortalecer a identidade local e contribuir para a promoção do turismo cultural.

Durante a investigação, constatou-se a escassez de apoio público e privado para o fomento do turismo cultural no centro pioneiro anapolino. Dessa maneira, este trabalho indica também a possibilidade de estudo da ausência das políticas públicas de turismo não apenas para a região da Rua Coronel Aquiles de Pina, mas para outros patrimônios importantes da cidade, como o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, a Biblioteca Municipal Zeca Batista, a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, o Mercado Municipal Carlos Pina e outros atrativos culturais e arquitetônicos.

Por fim, as limitações desta investigação abarcam a descaracterização arquitetônica de alguns edifícios ao longo dos anos que dificultou, durante as visitas empíricas, uma leitura mais precisa do estilo original, realizada apenas a partir de fotografias. Embora o estudo aponte a potencialidade turística cultural e arquitetônica, outra limitação foi a falta de análise, por parte do poder público, sobre a infraestrutura urbana, principalmente segurança, acessibilidade e iluminação, as quais são condições necessárias para viabilizar o percurso turístico e educativo na prática.

REFERÊNCIAS

- Alves, D. A. (2014) *De Antas a Anápolis: a História de Formação do Município*. Goiânia: Kelps.
- Amaral, L. F. (2023). *Percurso da Memória Urbana e Cultural Anapolina: uma análise da Rua Cel. Aquiles de Pina*. 2023. 151 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) – Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis (Goiás).
- Anápolis. (2001). *Lei nº 2.725 de 5 de abril de 2001*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/lei-ordinaria/2001/273/2725/lei-ordinaria-n-2725-2001-considera-como-patrimonio-historico-e-cultural-da-cidade-de-anapolis-o-edificio-que-menciona-e-da-outras-providencias> (consultado em 30 de abril de 2026).
- Arimathéa, A. de. (2007). *Anápolis suas ruas – seus vultos – nossa história*. Papillon Gráfica e Editora: Goiânia.
- Barbosa, O. X., & Santos, J. C. V. (2022). Cafés e Turismo nos quintais do centro histórico da Cidade de Goiás (Brasil). *Dos Algarves*, 41, 70-89.
- Barretto, M. (2007). *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Editora Papirus: Campinas (SP).
- Borges, H. C. (2011). *História de Anápolis*. Kelps: Goiânia.

- Cravidão, F. (2014). Velho(s) território(s): novo(s) turismo(s). Em *Turismo nos países Lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios*, C. Costa, F. Brandão, R. Costa, & Z. Breda (eds.). Escolar Editora: Lisboa, pp. 59-69.
- Cunha, L. (2001). *Introdução ao turismo*. Editorial Verbo: Lisboa.
- Di Paoli, C. M., & Serra, T. L. (2013). História da arquitetura do edifício-sede do Hospital Evangélico Goiano. *Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, 4-5(1-2).
- Fayos-Solà, E., & Jafari, J. (2009). *Cambio climático y turismo: realidad y ficción*. Publicacions de la Universitat de València: Valência.
- Ferreira, A. M. (2014). Turismo como fato de Regeneração e desenvolvimento de meios urbanos e rurais: do turismo cultural ao turismo criativo. Em *Turismo nos países Lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios*, C. Costa, F. Brandão, R. Costa, & Z. Breda (eds.). Escolar Editora: Lisboa, pp. 85-99.
- Ferreira, H. J. (2011). *Anápolis, sua vida, seu povo*, 2ª ed. Kelps: Goiânia.
- Ferreira, W. R. (2002). *O espaço público nas áreas centrais: A Rua como Referência*. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- García, J. J. L. (2026). Turismo Cultural en los Barrios de Aguascalientes: arquitectura y artesanía como ejes de identidad. *Journal of Tourism and Heritage Research*, 9(2), 16-32.
- Garcia, R. K. de O. (2007). Roteiros Turísticos: Um Instrumento para o Fortalecimento do Turismo Regional. *Gestão e Desenvolvimento*, 4(1), 119-116.
- Gonçalves, C. J. (2021). *Anápolis no fluir dos anos (1798 – 1951)*. Kelps: Goiânia.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Bens tombados*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126> (consultado em 30 de abril de 2026).
- Lamas, J. M. R. G. (2000). *Morfologia urbana e desenho da cidade*, 2ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- Lima, R. F. (2021). Guia Turístico Art Déco Goiânia: educação patrimonial, cidadania, lazer e turismo cultural. *Revista Turismo & Cidades*, 3(6), 78–98.
- Machado, H. (2009). *Imagens do comércio Anapolino no jornal “o Anápolis” (1930-1960): A construção da Manchester Goiana*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.
- Matos, S. C. (2010). A visibilidade evangélica no meio social Anapolino. *Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”*, 2(2).
- Mello, M. M. C., Cosenza, A., & Silva, A. L. A. (2020). As arquiteturas monumentais e a imagem da cidade turística. *Revista Direito UNIFACS*, 238, 1-26.
- Mendonça Neto, O., & Santos, J. C. V. (2023). Por ruas e praças do setor tradicional de Planaltina, Distrito Federal. *Revista da Anpege*, 19(39), 1-23.
- Minayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 4ª ed. Hucitec: São Paulo.

- Paiva, R. A. (2014). O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, 16(1), 107-123.
- Pessôa, V. L. S. (2018). Geografia e Pesquisa Qualitativa: revisitando o uso de entrevista, questionário, diário de campo e fotografia em tempos de tecnologias da informação e comunicação. In: Vasconcelos, C. A. (Org). *Tecnologias, Currículo e Diversidades: substratos teórico-práticos da/na educação*. Maceió: Edufal. P. 303 – 324.
- Quinteiro, S., & Almeida, M. M. (2025). *Turismo Literário: construção e exploração de roteiros*. Pactor Editora: Lisboa.
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2019). Rota Literária do Algarve: uma rota improvável. *Cultur*, 13(2).
- Santos, J. C. V. (2021). *Vidas Oleiras: uma viagem pela tradição e arte*. All Print Editora: São Paulo.
- Santos, J. C. V. (2024). Viajante infatigável, o mais geógrafo dos poetas: revisitando Camões a partir da obra de Orlando Ribeiro. *Dos Algarves: Tourism, Hospitality and Management Journal*, 44, 33-45.
- Silva, A. C. C. (2019). *Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades), Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.
- Silva, J. B. de M. (1997). *O interior e sua importância no Projeto Centralizador do Brasil: Anápolis anos 20-30*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.
- Silva, L. E. R. (2019). *A conquista dos olhares: história das salas de cinema de rua em Anápolis (1924 -1960)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades), Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.
- Vargas, L. G. C. (2015). *Representações Sociais do Progresso: Uma perspectiva a partir da chegada da estrada de ferro em Anápolis-GO*. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.